



GT 058. Processos identitários étnicos, território e tradições de conhecimento

Claudia Mura (UFAL) - Coordenador/a, Edviges Marta Ioris (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Estêvão Martins Palitot (Departamento de Ciências Sociais UFPB) - Debatedor/a, Alexandra Barbosa da Silva (UFPB) - Debatedor/a, José Mauricio Paiva Andion Arruti (UNICAMP) - Debatedor/a

Com objetivo de dar continuidade ao debate iniciado na última RBA, este GT pretende reunir pesquisas etnográficas que focam os processos identitários étnicos e territoriais, com especial atenção às dinâmicas da organização social do conhecimento que os acompanham. Procura-se alimentar o espaço de diálogo e análise sobre o gerenciamento, distribuição e hierarquização do conhecimento em diferentes contextos experienciais (históricos e políticos) que definem específicas relações de poder e de modos de significação e elaboração étnica. Nesses termos, a proposta tem como base uma abordagem gerativa e comparativa, fundamentada nos desdobramentos analíticos de Barth para uma sociologia do conhecimento que visa esclarecer as formas como a diferenciação, a alteridade, é gerada e reproduzida através de constantes fluxos culturais. Serão valiosas as contribuições provenientes de investimentos empíricos que abordam os processos de mudança (sociais, políticos e econômicas), as elaborações de cosmologias e manifestações simbólicas, bem como os quadros morais que orientam as experiências individuais e coletivas no estabelecimento e gerenciamento das relações intra e interétnicas. Também bemvindas são as contribuições que abordam as unidades sociopolíticas em diferentes escalas, como famílias e/ou linhagens, e que analisam a forma como as alianças se efetivam no tempo e espaço -extravassando ou não o nível étnico-, assim como as variações na elaboração e sistematização dos fluxos culturais.

Um pra você, muitos pra gente?: situação política e distintividade intra-étnica no povo Kiriri.

Autoria: Gabriel Novais Cardoso

O presente work busca analisar, à luz das discussões contemporâneas acerca dos índios do Nordeste e seus processos de etnogênese e afirmação étnica-identitária, a atual situação política Kiriri sob a ótica dos seus processos de cisão interna ou seccionalistas, em articulação com as dinâmicas de constante produção da identidade étnica desse povo. Assim, se propõe uma reconstituição do contexto histórico mais amplo dentro do qual o povo Kiriri passou por sistemática negação de sua identidade/especificidade étnica, onde, se por um lado se nega uma identidade diferenciada e detentora de direitos, por outro, se recusa uma completa integração à sociedade envolvente sob o signo da distinção étnica pelo negativo: o caboclo, onde é marcada a ausência de diacríticos definidores de uma indianidade homogênea, forjada no imaginário nacional e instrumentalizada, muitas vezes, contra grupos étnicos específicos. Por outro lado, pretende-se localizar os processos recentes de cisão intra-étnica nesse contexto mais amplo de luta pela retomada de território e pelo reconhecimento étnico, argumentando em favor de uma multidimensionalidade da identidade étnica que não se constrói tendo por referência somente uma sociedade nacional/englobante ou um outro não-indígena enfim, mas que é passível de disputas internas ao próprio grupo étnico, na definição de uma indianidade mais legítima, ou de modos diversos de ser Kiriri que mais que se negarem mutuamente, parecem se complementar numa constante dinâmica de produção e atualização de uma identidade Kiriri perpassada não só por diálogos constantes com outros povos indígenas e com o aparato institucional-



burocrático do governo brasileiro, mas com as próprias divergências e multiplicidades de interpretações internas à esse povo. Assim, num segundo momento é apresentada a escola indígena Kiriri como um exemplo privilegiado de espaço de "fronteira" para a observação dessas dinâmicas de produção da identidade Kiriri. Ou seja, um espaço que se por um lado se apresenta enquanto instituição externa e impõe aos índios uma série de procedimentos burocráticos e conhecimentos diversos, por outro passa a ser apropriada enquanto instrumento de produção da indianidade Kiriri. Exemplos disso são a produção de "Toantes", por partes dos alunos mais jovens, para o ritual do Toré, bem como o ensino dos "bons modos" para esse momento, além de iniciativas, a partir da escola, de "retomada da língua dos antigos" ? que ainda seria falada pelos "encantados" Kiriri, ainda que não mais falada entre o povo em questão. Por fim, é discutida a distintividade intra-étnica nesse grupo, a partir da dinâmica de uma afirmação de unidade em relação à sociedade envolvente que não exclui a defesa de uma variedade de modos de "ser" Kiriri.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

